ALGUNS PROBLEMAS DE HISTÓRIA

T. POMPEU SOBRINHO

O conceito que atualmente se faz da história como ciência difere do que outrora predominava no espírito dos sábios, dos antigos historiógrafos, geralmente satisfeitos com a exclusiva narração dos fatos mais impressionantes, dos acontecimentos excecionais ou insólitos, dos fenômenos extraordinários da vida dos povos. O historiador tornava-se digno de admiração quando os conseguia recolher, colecionar, redigir com bom estilo e um certo grau de habilidade coordenadora. Não raro as lacunas da exposição se preenchiam à custa de deduções que pareciam lógicas, racionais, mas que não passavam de criações mais ou menos verossímeis de uma fantasia superiormente educada; entretanto, ordinàriamente, êstes enxertos bem plantados não tinham representação objetiva.

Historiógrafos e cronistas, contudo, legaram importante acervo de material útil com que os estudiosos da história têm podido, com mais ou menos dificuldade e com mais ou menos êxito, sistematizar um esbôço de "História Universal".

Mas a "História Universal", de acôrdo com o critério dominante, não poderá constituir um corpo homogêneo de doutrina, como se tem pretendido e tentado com insano trabalho, pela falta de sincronismo na evolução das várias civilizações que se processaram na superfície do globo.

Daí a idéia de estudar separadamente o evolver destas civilizações; mas, para logo se antolha séria dificuldade conseqüente das relações que se estabeleceram entre algumas delas, complicando a marcha evolutiva com empréstimos culturais de tôda a sorte, donde a necessidade de excursionar por domínios estranhos, sem elementos suficientes e seguros para firmar juízo certo, isento de qualquer crítica.

Por outro lado, o desenvolvimento de uma civilização não se pode figurar com o auxílio de curva regularmente ascendente; o caminho trilhado está crivado de freqüentes e enormes interrupções, regressões e recorrências. Por isto, o mais que se tem conseguido, com caráter aproximadamente científico, é assinalar os principais períodos da vida dos povos, com mais ou menos detalhes, mas não ainda absolutamente escoimados de apreciações subjetivas. Insiste-se nesse processo monográfico, realmente digno de aprêço.

A história, assim compreendida, formou escola que prospera, principalmente na Norte América, com a denominação pouco sugestiva de "Nova História".

Pretende a "Nova História" estudar as civilizações para reconstruí-las depois sistemàticamente, e deduzir então as influências que exerceram ou ainda exercem nas condições atuais da cultura universal. O processo, porém, deixa algo a desejar.

Mas entre a Nova História e a Velha História intercala-se e predomina conceito diferente que consiste na análise minuciosa dos fenômenos, isoladamente. Por analogia bem se poderia chamar a êste tipo de atividade especulativa de "Média História", coisa, aliás, sem importância outra que a de facilitar referências.

Embora tenha sido bastante efêmero, êsse período intermediário deixou traços indeléveis do seu utilíssimo trabalho, pois, como parece evidente, se não pode prescindir, no estudo científico, de uma profunda análise dos fatos, isoladamente. O mal provinha antes do exclusivismo; foi mesmo da reação contra o abuso de tal método que surgiu o conceito moderno, a "Nova História".

Além do estudo crítico do fenômeno para verificar a sua rigorosa exatidão, e despi-lo de tôda a ganga que se lhe incrustou no curso dos tempos, a análise meticulosa da estrutura resulta indispensável para destacar as características essenciais que lhe dão individualidade e permitem classificá-lo sob vários aspectos, inclusive o da sua simetria própria. Sem isto é impossível evitar essa lastimável confusão, ainda hoje muitíssimo comum, entre o domínio da História e o domínio da Sociologia.

Modernamente, aspira-se a uma perfeita compreensão do passado para prever os fatos históricos ou sociais do futuro. O esfôrço dos mais autorizados historiadores orienta-se nêste sentido, infelizmente ainda com escasso êxito. O problema

em si e a constância dos estudiosos são de molde a deixarem largas esperanças.

Todo e qualquer fenômeno histórico ocupa posição definida no seu ambiente, no espaço-tempo; provém de causas anteriores que se enquadram dentro de determinadas condições, e, por sua vez, participa, como causa de fenômenos conseqüentes, circunscritos a certos limites. Por aqui já se compreende que a pesquisa dêsses fatos subseqüentes está contida num âmbito relativamente estreito; geralmente, tanto mais constrito quanto mais exata e perfeita é a análise individual das causas de que decorrem. Muitos pesquisadores desanimam porque se perdem no dédalo da variação dos fenômenos históricos por falta daquela análise primordial.

Os acontecimentos, que se capitulam na disciplina em estudo, constituem funções de muitas variáveis independentes. Cada um pode ser mesmo uma função composta de algumas funções secundárias com as suas variáveis dependentes. O meio cósmico, o meio social, os antecedentes histórico-sociais são funções componentes, tendo, cada uma delas, suas variáveis independentes. Daqui se depreende a complexidade e se pode fazer idéia da variação dos fenômenos, o que parece excluir tôda possibilidade de repetição, tôda ligação necessária de causa a efeito e conseqüentemente qualquer veleidade de previsão em história.

Mas, no **maremagnum** de tanta variabilidade é possível descobrir algo de uniforme e de relativamente fixo. O plano biológico que moldou a espécie humana deu-lhe algumas necessidades comuns que determinam a semelhança e até igualdade de muitas instituições, malgrado a infinita diferenciação individual e dos grupos sociais.

Embora cada acontecimento histórico aparente fisionomia singular, caráter próprio, deixa todavia perceber, mediante análise adequada da sua estrutura, traços de semelhança e até mesmo de quase identidade com outros acontecimentos de igual espécie. Isto, aliás, é perfeitamente natural; em análise matemática também as funções, mesmo as de muitas variáveis independentes, têm têrmos constantes, coeficientes fixos que influem na variação da função impondo-lhe certas condições restritivas, impelindo-a por determinados caminhos. Dá-se coisa semelhante em história, cujos fenômenos característicos são funções de muitas ou de algumas variáveis independentes, mas, como aquelas, têm elementos fixos, coeficientes constantes, imutáveis, que

sempre dão uma orientação determinada à variação da função principal, o fenômeno histórico. Vê-se então que a própria natureza do problema não deixa dúvidas sôbre a possibilidade de previsão. Os resultados até o presente conseguidos, são que, como já notamos, não estão em proporção razoável com os esforços dispendidos, com os estudos estafantes empreendidos.

Será que tais estudos se acham numa fase preparatória, e, decerto, ainda inaptos para produzirem frutos sazonados? Ou que os métodos usados se desviem do caminho certo em cujo têrmo está a solução procurada? Ou ainda que a questão encerre uma **impossibilidade**, isto é, não ofereça solução racional, compatível com os dados integrais que até o presente se vêm trabalhando? Talvez êstes dados se não tenham convenientemente ordenado, ou não sejam suficientes, completos, e por isto faltem elementos essenciais à resolução acertada?

Não pretendemos abordar assunto de tanta magnitude. Observaremos, porém, que a terceira destas hipóteses nos parece a mais improvável e que tôdas as outras concorrem mais ou menos tangìvelmente para a improfícua atividade dos historiadores modernos, quanto à previsão dos fatos.

Julgamos que uma importante circunstância de caráter metodológico domina preliminarmente a qüestão, e, porque não foi ainda resolutamente abordada, cria tropêço sério desde o início de tais cogitações transcendentais, que pedem campo limpo, desbravado e perfeitamente conhecido para se exercitarem proveitosamente. Quero referir-me à necessidade de definir ou caracterizar com rigor e clareza o fenômeno histórico e traçar com nitidez os limites do espaço dentro do qual se processa, de modo tal que se não confunda jamais com o fenômeno puramente social.

Segundo o nosso modo de compreender o assunto, qualquer fenômeno histórico significa modificação mais ou menos profunda num processo de adaptação social. É relação que se verifica entre têrmos dos processos de conformação social, adaptação do indivíduo ao grupo, dos grupos entre si e do grupo aos indivíduos.

Difere do fenômeno social porque êste constitui processo regular de evolução, segundo a resultante das energias do meio ambiente onde mergulha a massa social e do meio interior, isto é, das fôrças que estão implìcitamente contidas nessa massa. Evidentemente, todos os fenômenos adaptativos que presidem o processo evolutivo social normalmente esca-

pam à jurisdição da História, que apenas se restringe às perturbações acidentais dêsse processo. A História é para a Sociologia o que a Patologia é para a Biologia.

Realmente, fato biológico, em última análise, é relação de adaptação da vida à ambiência; difere do fato patológico porque êste é relação de perturbação nos processos adaptativos da vida. Esta teria evolução regular, uniforme e definida se não estivessem eriçados de perturbações os seus sistemas de conformação com o meio, que apressam, retardam, desviam ou limitam a evolução.

Os fenômenos históricos se operam no espaço histórico social, mas só indiretamente afetam a evolução social; decorrem de outros fenômenos de análoga origem que lhe precederam, das propriedades do meio cósmico que lhes dão certa energia, intensidade, orientação e, finalmente, da própria massa social, considerada no tempo e no espaço.

Assim como sòmente há espaço social onde existe matéria social, relação de adaptação à vida social, sòmente haverá espaço histórico onde existirem relações históricas, fatos históricos; conseqüentemente, como as relações de perturbações dos processos adaptativos da sociedade apenas podem surgir onde houver tais processos, isto é, no seio da matéria social, o espaço histórico sòmente se pode desenvolver no interior do espaço social, evidentemente muito mais largo.

Cumpre também não confundir o espaço histórico, nem o social, com o espaço cósmico ou geográfico; aquêle só chega até onde há manifestações de energia histórica; êsse é mais vasto porque a energia social se espalha mais amplamente, contém aquêle, embora seja menos denso; finalmente, o último, o espaço geográfico, ainda mais dilatado, deve ser considerado simplesmente como fator ou agente do fenômeno histórico, num sentido passivo.

Uma causa anterior pode dar origem a um acontecimento histórico, num espaço determinado; mas, conforme a ambiência física atual, êste acontecimento terá uma orientação fixa, conhecida se, realmente, foi capaz de manifestar intensidade apreciável. Esta intensidade, função precípua do meio cósmico, experimenta de acôrdo com as circunstâncias energéticas do momento variação que pode ir do valor nulo (impossibilidade) a um valor considerável, independente da intensidade do fenômeno que lhe deu origem. Em outros têrmos, no domínio da causa o efeito não apresenta proporcionalidade; a grandeza de um acontecimento histórico nada

pode indicar quanto à grandeza do fato ou dos fatos que concorrem ou concorreram para a sua realização, nem, tampouco, poderá esclarecer a respeito dos que provocará. A extensão e a intensidade de um fenômeno histórico sòmente hão de depender da combinação das circunstâncias mesológicas, cósmicas e sociais.

Conferem com estas conclusões as sutis e criteriosas observações de H. Poincaré, quando desenvolve a sua curiosa concepção do Acaso. Para êste ilustre físico-matemático, o Acaso pode consistir na desproporção entre a grandeza da causa e a do efeito, sendo aquela infinitamente pequena comparada com a conseqüência a que deu lugar. Para provar esta teoria cita exemplos sugestivos, como o do cone invertido, o da roleta etc. Ora, se em física uma causa infinitesimal consegue dar origem a grandes efeitos, em Sociologia, e particularmente em História, com muito maior razão o mesmo se há de verificar.

A natureza do meio social indica imediatamente que a grandeza do fenômeno histórico não é um escalar, uma medida puramente algébrica; deve ser vetorial, porquanto êsse fenômeno tem orientação e sentido; trata-se de um vetor polar e não axial, como se há de ver brevemente.

Para que se realize numa ambiência dada o fenômeno histórico, provocado inicialmente por uma impulsão anterior, por uma influência histórica que lhe antecedeu, é preciso que de fato êsse meio não contenha certos elementos de simetria incompatível com a simetria característica do fenômeno que aquêle fator poderia determinar. O princípio de Curie aplica-se à História, à Sociologia, à Biologia, à Física, como se aplica à Cristalografia.

Ora, o meio, o espaço histórico no seio do qual o fenômeno se processa, é eminentemente anisótropo; os seus elementos de simetria se reduzem em geral a um mínimo apreciável. Com isto se quer dizer que, de ordinário, há possibilidades de se gerarem fenômenos históricos os mais diversos, tanto mais variados e mais complexos quanto menos homogênea é aquela ambiência.

De fato, o meio social, sujeito a contingência de fatôres muito variáveis, não pode deixar de ser anisótropo; faltam-lhe muitos elementos de simetria. Não sendo, pois, êste meio idêntico em tôdas as direções, os fenômenos que nêle se podem realizar, conseqüentemente, serão diversos em cada direção; variarão segundo a orientação considerada. Esta variação

quando se torna perturbadora, isto é, quando se gera no espaço histórico, determina um estado de anisotropia ainda maior.

Entretanto, importa definir ou classificar a simetria do meio social, problema mais árduo, bem mais difícil do que anàlogamente se apresenta em Geometria, onde simplesmente a forma exterior basta. Em Física, a questão já começa a se complicar; a simetria geométrica não é suficiente, pelo que se há de procurar outra base mais consentânea. Esta base encontra-se na variação das propriedades vetoriais de cada meio em direção diferente. Nos meios isótropos tôdas as grandezas vetoriais oferecem sempre os mesmos valôres, qualquer que seja a direção em que se possam realizar. Nos meios anisótropos, as grandezas vetoriais, que medem os fenômenos possíveis, variam com as direções, os sentidos etc.

No estudo científico da História e da Sociologia, da Biologia e da Patologia, como da Física, não é suficiente conhecer apenas a simetria do meio; imprescindível se torna determinar igualmente a simetria dos fenômenos, analisando a natureza da grandeza com que se há de medi-los: escalar, pseudo-escalar, vetorial polar ou axial, tensorial.

É fácil observar que nas sociedades rudimentares, na infância da civilização, sendo o meio social-histórico relativamente homogêneo ou menos anisotrópico, os fenômenos possíveis são forçosamente em número mais limitado do que nas sociedades evoluídas, de estrutura mais complexa. Efetivamente, comparando as sociedades dos selvagens australianos ou americanos com as ocidentais da Europa, vê-se que a história daquelas é mais simples, mais incolor, mais uniforme do que a destas que, por sua vez, ainda é mais interessante e variada do que a dos povos semicivilizados da África e da Ásia.

Muito freqüentemente uma influência anterior exerce durante largo espaço de tempo, no meio sócio-histórico, ação que se pode dizer fruste espécie de simples estímulo, pois que, aparentemente ao menos, nenhum fenômeno desperta. Isto ocorre quando o meio não tem a dissimetria precisa, compatível com a do fenômeno, ou melhor, quando contém elementos de simetria diversos dos que caracterizam o fenômeno esperado. Mas, é possível acontecer que influências outras, agentes estranhos a êsse meio, venham intercorrentemente atuar nêle, aumentando a sua dissimetria até o ponto em que aquêle fenômeno se possa realizar espontâneamente.

Num espaço social de qualquer espécie ou forma, e com mais forte razão no espaço histórico que compreende, não há meio isotrópico porque, como já fizemos observar, tais meios oferecem sempre elementos notáveis de dissimetria. Imaginemos, porém, vários clãs reduzidos à extrema simplicidade, vivendo cada um, errante, em espaço geográfico pràticamente ilimitado, sem conhecimento uns dos outros. Teríamos então um meio social com anisotropia mínima; mas sob o aspecto histórico, não seria tanto, embora aparentasse extrema simplicidade.

Um clã nestas condições, ainda não ligado ao solo, é, quanto ao aspecto social, quase amorfo e compressivo; quanto à simetria, oferece certamente um elemento único, o centro, que é o totem, agente coesor da sociedade primitiva. Confere com a simetria do círculo que se pode representar simbòlicamente P, C, significando que existe um centro único (C), pelo qual podem passar infinitos eixos de isotropia. Não havendo no caso que se considera fixação ao solo, o centro se desloca livremente, constantemente, e pode ocupar qualquer lugar no espaço geográfico. Todos os processos de adaptação social se orientam no sentido do totem; mesmo o processo econômico, o mais dependente da ambiência cósmica, se relaciona ìntimamente com esta autoridade.

O meio geográfico, neste caso, nada influi sôbre a morfologia social, nem sôbre a estrutura, apenas lhe dá energia escalar, energia uniformemente distribuída, e preside ao deslocamento do clã, de um para outro sítio, quando as circunstâncias de nutrição orgânica o exigem ou as condições meteóricas o obrigam.

Êste nomadismo provém das dissimetrias do espaço geográfico e não das propriedades sócio-históricas dos agrupamentos sociais rudimentares.

Suponhamos agora que, num momento dado, dois dêsses clãs se defrontem. A situação social vai mudar apreciàvelmente; os processos de adaptação tomarão em geral rumos um tanto diversos dos que mantinham há pouco. Em primeiro lugar, é lógico que surge um constrangimento mútuo, visto como uma certa área do espaço geográfico passa a ter qualidades diferentes; é como se entre os dois clãs existisse um território litigioso, que se torna mais ou menos respeitado pelos vizinhos, no qual, quando qualquer dêles penetra, pode já pensar numa possível reação do outro, na iminência de um conflito, atividade social, por certo, nova na vida destas socie-

dades primitivas. Esta situação importa num acréscimo de energias sociais, modificando a estrutura da matéria social.

Dantes, cada agrupamento, onde quer que estacionasse, por onde quer que passasse, mantinha a sua simetria, referida ao círculo. Todos os pontos do espaço geográfico eram socialmente idênticos. Agora, porém, já não é assim; evidentemente, a simetria do meio social se modificou com a introdução de elementos novos de dissimetria, e, conseqüentemente, com um aumento da capacidade de relações sociais e históricas. Fenômenos inéditos de uma e de outra espécie tornam-se possíveis, porquanto o meio social de cada clã adquiriu como que mais anisotropia. Não é permitido confundir aqui meio geográfico e meio social. A presença de um clã em face do outro não modifica, em coisa alguma, o primeiro, ao passo que altera sensìvelmente êste último.

Viu-se que ações exteriores se aplicaram respectivamente aos meios sociais dos clãs (a presença de um em relação ao outro), modificando a simetria natural dêles, tornando êsses meios mais aptos a fenômenos de simetria inferior à sua primitiva e natural simetria de clã livre, sôlto no espaço geográfico infinito. Os fenômenos sociais anteriormente possíveis, representados por grandezas escalares, serão de então em diante outros, representados por grandezas vetoriais. Os primeiros variavam uniformemente em tôdas as direções, êstes outros variam diversamente conforme a direção e o sentido que seguem. Mas as dissimetrias adicionam-se, isto é, o nôvo meio comporta fenômenos escalares e vetoriais.

A análise dêste meio mostra que o elemento de simetria-centro desapareceu e com êle a infinidade de eixos. O símbolo representativo atualmente já não pode ser o mesmo. Agora se há de perceber apenas um eixo único, normal à linha de contacto, ou melhor, à linha média de separação dos dois meios contíguos. Êste eixo é duplo (porque as suas propriedades diferem conforme o sentido em que é percorrido) e com o plano que o contém caracterizam a simetria do nôvo meio social, a qual se pode assimilar à simetria própria do trapézio regular, com a base menor voltada para o espaço vizinho.

Poderíamos dizer, talvez com mais propriedade, à simetria do tronco de cone, mas, para maior simplificação na exposição, preferimos falar no trapézio, como já falamos no círculo, em vez da esfera.

Qualquer um ponto — M — dêsse meio tem o seu simétrico — M —, em relação ao eixo de isotropia e não tem outro

porque nenhum mais pode gozar das mesmas relações que — M — e — M' — em face da situação criada pela presença do outro clã. — N —, por exemplo, situado mais próximo do clã vizinho, está mais sujeito às conseqüências desta vizinhança do que — M — ou — M' —; não pode, pois, ser simétrico de — M — ou de —M' —. Terá, porém, em relação ao eixo de isotropia o seu simétrico — N' — que, em relação às condições sociais, goza das mesmas propriedades. Vê-se então que a simetria própria do meio social figurado só deve ser a do tronco de cone reto (ou mais simplesmente, a do trapézio regular), cujo símbolo (Curie) é (L 1) / P, subgrupo resultante da antiemiedria do grupo principal-cilíndrico.

Do princípio de Curie, nesta matéria, tão fértil em curiosas conseqüências, deduz-se que os fenômenos possíveis nesse meio se devem caracterizar, além do mais, pela manifesta tendência íntima para promoverem a simetrização do estado de assimetria resultante da presença de um clã em face do outro. De fato, quando num espaço qualquer, inclusive no espaço histórico-social, se estabelece uma dissimetria, imediatamente surge a tendência para a realização de fenômenos que, se possíveis, vão agir no sentido de eliminar aquela dissimetria que lhes deu origem, como que procurando restabelecer o estado de equilíbrio anterior. As coisas se passam como se surgissem agentes novos, nova energia destinada a fazer desaparecer tôdas as desigualdades de intensidade, tôdas as diferenças de potencial que alimentam a atividade ambiente. Esta, por sua vez, tende a diminuir com o nivelamento das intensidades divididas, até se anular com a diferença de potencial, com a volta definitiva ao equilíbrio inicial. É fácil notar então que qualquer fenômeno, ao começar, já traz no seu íntimo o germe destruidor da causa que lhe deu origem e, por conseguinte, também o germe da sua própria aniquilação.

O mais espontâneo dos fenômenos possíveis, determinados pela dissimetria oriunda da presença de um daqueles clãs em face do outro, parece, seria a luta armada, o combate entre êles, entre os clãs que se defrontam, um visando a eliminação do outro, porque, se tal ocorresse, se voltaria imediatamente ao equilíbrio social anterior, à situação primitiva de simetria.

Claro está que outros fenômenos tendentes a desarmarem a dissimetria poderiam ocorrer como, por exemplo, a fuga de um dos clãs para região muito distante.

Resta verificar se um combate ou a fuga são fenômenos compatíveis com a simetria trapezoidal, inerente ao meio. Ora, muitas outras que atuam na mesma direção mas em sentidos contrários; pode ser, pois, representado por dois vetores: a e a'. A fuga, neste caso, é movimentada; portanto, pode ser representada por um vetor, desde que se conheçam a sua intensidade, direção e sentido.

Indubitàvelmente as coisas podem ainda diferir. Se os clãs que se defrontam dispõem de recursos equivalentes de modo que a luta resulte indecisa, um dêles jamais conseguindo eliminar o outro, o estado assimétrico continua, então mais rico de elementos. Naturalmente, fenômenos novos se processarão ainda tendentes à eliminação do desequilíbrio. Um dos mais prováveis será o de acomodação entre os clãs, começo de uma adaptação mútua que se poderá traduzir em aliança de caráter pacífico, o que não obsta a continuação de constante tensão recíproca, de um sôbre o outro lado, dirigida uma para a outra diretamente, o que ainda se deve representar por meio de vetores polares; neste caso, iguais ou sensìvelmente iguais em intensidade. Tem-se então um como estado de paz armada que, decerto, não duraria indefinidamente, porque a dissimetria agora operante daria lugar a outros fenômenos de simetrização de que resultariam concessões mútuas, alianças de esforços para a consecução de trabalhos cuja realização as fôrças de um só clã não bastariam, etc. No caso da primeira destas hipóteses, é como se as duas fôrças, iguais e contrárias, se tornassem paralelas (ou mesmo coincidentes em direção a sentido). De qualquer maneira, sempre é possível uma representação vetorial polar para a grandeza que mede o fenômeno.

Todos êstes acontecimentos históricos, fenômenos que espontâneamente podem nascer no espaço histórico resultante da presença dos clãs figurados, combates, fuga, alianças, absorção, permitem uma avaliação; têm também um passado e um futuro. Conseqüentemente, a sua simetria não pode deixar de ser a mesma do tronco de cone reto. Realmente, como esta figura, qualquer daqueles fenômenos possui um eixo duplo (dois eixos coincidentes), com propriedades diferentes conforme o sentido em que é percorrido. Por êste pode passar uma infinidade de planos de simetria.

Nos exemplos invocados aqui não há dificuldade em caracterizar o fenômeno histórico-social, dissociando-os claramente.

Depois do encontro dos clãs, a simetria do meio social de cada um, vimos positivamente, é a do subgrupo —c— (Curie), resultante do grupo fundamental — o cilindro de revolução — de cujos elementos se conservam o eixo e os planos que o contêm. Nestas sociedades extremamente rudimentares os principais processos de adaptação social são o econômico, ligado sobretudo ou quase exclusivamente à nutrição, e o moral-religioso. Livremente, cada um tirava antes do meio geográfico os recursos alimentícios. Depois, as coisas se complicam; há um espaço onde a caça ou a pesca, por exemplo, já se não exercem livremente, com aquela despreocupação de outrora, visto como os dois grupos, ou indivíduos dos dois grupos, podem disputar uma mesma prêsa, dando lugar a conflitos, luta ou guerra.

Êste fenômeno de simetrização, de acôrdo com o que temos dito, constitui fato histórico porque significa efetivamente uma perturbação nos processos de adaptação econômica dos grupos sociais, que exerce grande influência sôbre outros fenômenos inerentes à vida da sociedade.

Suponhamos em seguida que um dos clãs não consiga eliminar o outro porque as fôrças respectivas se equilibram ou porque o mais fraco, perseguido embora, fugiu e alcançou pôr-se inteiramente fora da influência do mais forte. Neste caso, como no precedente, se a luta foi decisiva, isto é, se um dos contendores desapareceu, foi aniquilado, operou-se a simetrização. A fuga precipitada, embora sem luta, obrigando o clã a viver num meio geográfico, já não mais indefinido, modifica de uma maneira brusca a economia do grupo que de então em diante terá que se limitar aos recursos de determinado espaço.

Quando os clãs têm sensìvelmente o mesmo poder e um não consegue eliminar o outro nem afastá-lo, permanece o estado de dissimetria estimulando novos fenômenos, tais como alianças para a realização de trabalhos que exigem a soma dos esforços das partes, concessões mútuas de caráter econômico e mais difìcilmente religioso. Destas circunstâncias promanam novos acontecimentos de ordem social e de ordem histórica. O fenômeno aliança, por exemplo, para uma caçada de grandes proporções, é certamente de caráter histórico, porque envolve o processo econômico de adaptação dos dois aliados; aumenta imprevistamente a capacidade de adquirir nutrição. Pode envolver ainda o processo político, importando na defesa mais eficiente das partes contra as grandes feras. Difere visceralmente da caçada comum, habi-

tual, jornaleira, que não perturba a marcha normal nem os métodos ou a atividade ordinária de adquirir a nutrição. Esta caçada comum é fenômeno social; aquela é fenômeno histórico. As concessões mútuas podem consistir, por exemplo, na celebração de acôrdos para dividir o espaço geográfico litigioso em duas partes distintas, bem definidas, privativa cada uma a cada grupo. Ainda aqui se tem a realização de fato genuìnamente histórico, porque consiste essencialmente na limitação dos exercícios venatórios em espaço determinado, o que, evidentemente, modifica o estado de economia anterior de cada clã.

Ainda é possível que, sendo um clã muito mais fraco em relação ao outro, seja por êste absorvido completamente. O fenômeno, ainda neste caso, deve ser histórico, porque perturba a marcha evolutiva natural do processo de adaptação moral-religioso e certamente também político do clã incorporado, cujos membros passam a adotar, constrangidos ou espontâneamente, pelo menos em parte, a moral e os tabus do clã mais poderoso. O fato é histórico não sòmente para aquêle como para êste clã que se acha inopinadamente mais numeroso e por conseqüência mais apto a experimentar uma aceleração em alguns dos seus processos de adaptação social ou uma regressão em outros.

É importante não esquecer de mencionar o reflexo curioso dêstes fatos nos processos puramente sociais. Assim como determinado estado patológico pode trazer ao organismo atingido perturbações mais ou menos graves ou mesmo fatais ao processo vital, pode também não ter conseqüências apreciáveis e pode ainda, em certos casos, provocar uma atividade ulterior e útil no metabolismo, o fenômeno histórico pode, anàlogamente, trazer à sociedade, em cujo seio se realiza, retardos mais ou menos graves, regressões que são capazes de ir ao extremo limite do desaparecimento ou aniquilamento do grupo social, mas também pode importar numa apreciável aceleração evolutiva.

Se um clã —A— em combate destrói completamente o clã —B—, êste desaparece naturalmente em benefício do primeiro, que se enriquece com os despojos dos vencidos e sobretudo com energias sociais novas, escalares que podem reforçar sem perturbar certos processos de adaptação. Mas, se —A— e —B—, tendo recursos equivalentes, a luta resulta indecisa e sobrevêm, em conseqüência, os fenômenos históricos de alianças ou concessões, já referidos, em geral, é possível e mesmo muito provável haver repercussão de caráter

social, pois que os respectivos grupos adquirem energias novas tendentes a apressar a evolução normal; mas também pode acontecer que essas energias ganhas sejam a causa, lenta e silenciosa, da involução de um ou de alguns dos processos adaptativos. Se o clã —A—, mais forte, incorporar o clã —B—, resultará em certas circunstâncias o fortalecimento rápido de —A—; em outras circunstâncias poderá dar origem a um processo regressivo demorado de conseqüências mais ou menos sérias ou mesmo fatais.

Todos êstes últimos fenômenos indicados aqui, não perturbando geomètricamente mas apenas escalarmente os processos adaptativos da sociedade, são de caráter rigorosamente social, embora as suas raízes mergulhem no âmago de acontecimentos de fundo histórico.

("Revista Nacional", T. 2, F. 4, Rio, 1934.)